A INFLUÊNCIA GALEGA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA: UM OLHAR A PARTIR DA FESTA DA FOLIA DE REIS

THE GALICIAN INFLUENCE IN THE CONSTRUCTION OF THE BRAZILIAN CULTURAL IDENTITY: A VIEW FROM *FESTA DA FOLIA DE REIS*

Naomy Inocêncio Faleiros
Especialista em Identidade Cultura e Região pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)
naomyinocêncio@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0002-6934-5686

Aulo Plácio Gontijo Neiva
Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG)
auloguanaes@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3662-1856

Resumo: Observando a literatura, é possível notar um certo silenciamento sobre a influência da cultura galega presente nas expressões populares brasileiras, a exemplo da Folia de Reis. Nesse sentido, o presente estudo objetivou lançar um olhar sobre a origem dessas influências, na tentativa de desmistificar o senso comum de que parte considerável da cultura europeia aqui propagada é de origem portuguesa. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório, de cunho documental. Ao lançar luz sobre o passado da formação do estado português, constatou-se que tal território, outrora, pertenceu ao Reino de Galiza. Posteriormente, o fortalecimento desse estado português e o enfraquecimento do Reino de Galiza, já anexado ao Império de Castela, contribuíram para a ocorrência de cisões, que vieram a colaborar para que o galego caísse num verdadeiro ostracismo. Nesse sentido, revisitar o protagonismo histórico do reino de Galiza no começo da Idade Média, bem como sua cultura celta/pagã anterior a esse período, e a primordial importância que teve na formação linguístico-cultural portuguesa, foi fundamental para se ampliar olhares, investigando indícios que descortinam um cenário profícuo a respeito das origens culturais do que hoje se entende como Folia de Reis, em que se percebeu um leque diverso de cores, formas, cantares e execução, dependendo da região.

Palavras-chave: Galiza. Galícia. Folia de reis. Cultura brasileira. Cultura popular.

Abstract: Observing the literature, it is possible to notice a certain silencing about the influence of Galician culture present in Brazilian popular expressions, such as the Folia de Reis. In this sense, the present study aimed to take a look at the origin of these influences, in an attempt to demystify the common sense that a considerable part of the European culture propagated here is of Portuguese origin. For that, exploratory research was carried out, with a documental nature. By shedding light on the past of the formation of the Portuguese state, it was found that such territory once belonged

to the Kingdom of Galicia. Subsequently, the strengthening of that Portuguese state and the weakening of the Kingdom of Galicia, already annexed to the Empire of Castile, contributed to the occurrence of divisions, which came to collaborate so that the Galician fell into a true ostracism. In this sense, revisiting the historical protagonism of the kingdom of Galicia at the beginning of the Middle Ages, as well as its celtic/pagan culture prior to that period, and the primordial importance it had in the portuguese linguistic and cultural formation, was fundamental to broaden perspectives, investigating indications that uncovered a fruitful scenario regarding the cultural origins of what is now understood as Folia de Reis, in which a diverse range of colors, shapes, songs and execution were perceived, depending on the region.

Key Words: Galiza. Galicia. Folia de reis (Epiphany Festival). Brazilian culture. Popular Culture.

Considerações Iniciais

A língua é um dos traços que compõem o arcabouço cultural de um povo e, por isso, conhecer suas origens se faz fundamental. No caso do português falado no Brasil, que costuma ser reconhecido como originário do português falado em Portugal, nota-se que sua raiz é derivada do latim vulgar, assim como nas demais línguas românicas em que o latim é a raiz comum, tendo ascendência no galego, que sofreu uma cisão após o período da Reconquista[1], o qual dividiu não só a língua, mas também os territórios e a cultura (CASTRO, 2007).

O galego adveio do noroeste da península ibérica, região da Galiza, atualmente comunidade autônoma espanhola, e, após o nascimento de Portugal enquanto país, além da anexação da Galiza por Castela, tornou-se o galego-português estudado no Trovadorismo, embora reconhecido apenas como "português arcaico", tendo o "galego" caído num verdadeiro ostracismo. Isto porque, o norte de Portugal, divisa com a Galiza, e responsável não só pela difusão linguístico-cultural, mas também pela coesão linguística, uma vez que tornou o galego-português a língua mãe do então nascente país Portugal, de modo que até hoje não existem dialetos, mas "falares" dependendo da região (CASTRO, 2007), após o século XV perdeu seu protagonismo para o centro-sul, originando a rixa que ainda hoje perdura, seja no modo de falar ou nos demais costumes culturais. Assim, Galiza e o norte de Portugal se tornaram sinônimos de regiões bucólicas e "atrasadas", como bem exemplificado

[1] Reconquista é um termo utilizado para se referir ao processo de retomada dos territórios da península ibérica que haviam sido ocupados pelos árabes a partir do século VIII. Mais detalhes em Duarte (2003).

nessa passagem: “um homem do Sul associa aos galegos o homem do Norte, o qual, em troca, o apelida de mouro” (CASTRO, 2007, p. 4).

Apesar do avanço do tempo ter modificado os costumes de cada região, não sendo diferente com a língua, as investigações conduzidas por Luís Filipe Lindley Cintra, de acordo com Castro (2007), evidenciaram que o galego, mesmo com sua autonomia na norma linguística, e o português são a mesma língua, considerando-se, inclusive, todas as diferenciações presentes neste último em virtude das línguas faladas em cada ex-colônia portuguesa, a exemplo do Brasil. Nesse sentido, embora haja diferenças linguísticas entre as ex-colônias e Portugal, distinção essa que tomou corpo entre os séculos XVII e XVIII, percebe-se uma “conservação” no Brasil do que se poderia chamar de “sistema clássico”, que é foneticamente mais próximo ao galego, mesmo que este e o português de Portugal tenham se afastado consideravelmente do que hoje aqui se fala e escreve devido à influência secular de Castela.

Desenvolvimento

A partir do acima exposto, é possível vislumbrar a complexidade de se conduzir estudos que tratem sobre cultura, dada a necessidade de se abordar uma gama de elementos, tais como questões históricas, costumes tradicionais, migração, intercâmbio e apropriação culturais, língua, religiosidade e festejos para tentar se aproximar dessa rede, ainda mais num país reconhecidamente imigrantista como o Brasil (FIGUEREDO; ZANELATTO, 2017), em que a multiculturalidade (DEBRUN, 1990; LESSER, 2001) se evidencia.

> No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (LARAIA, 1986, p. 25).

Todavia, diante do silenciamento que se nota sobre a relevância cultural galega presente nas expressões populares brasileiras, a exemplo da Folia de Reis, o

presente estudo objetivou lançar um olhar sobre a origem dessas influências, na tentativa de desmistificar o senso comum de que parte considerável da cultura europeia aqui propagada é de origem portuguesa. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, utilizando, como procedimento, a pesquisa documental que, conforme Fonseca (2002, p. 32, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37),

> [...] trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

A coleta de materiais foi realizada entre dezembro de 2021 e dezembro de 2022, a partir de buscas em bases de dados nacionais e internacionais, bancos de dissertações e teses, jornais, revistas, *blogs*, catálogos e sítios oficiais da Galiza. Após leituras flutuantes (BARDIN, 1977), os materiais considerados relevantes para compor o plano de análise foram organizados em três grandes categorias temáticas, a serem apresentadas nos tópicos a seguir.

É importante ressaltar que houve o interesse de se pesquisar sobre as ressignificações ocorridas nessas influências culturais galegas, mediante o contato com os demais fluxos culturais encontrados no território brasileiro, compreendendo-se como os grupos sociais se afinaram e lutaram pela perpetuação de signos, que demonstram ter grande relevância em sua identidade enquanto comunidade, e como essas expressões culturais mantêm o elo que liga o indivíduo como parte da sociedade, ao mesmo tempo que proporciona a perpetuação da herança cultural de seus antepassados.

Traz-se à tona, então, inicialmente, o reino de Galiza, bem como os primórdios celtas, revisitando o processo de construção da cultura brasileira no intuito de tentar elucidar a raiz da apropriação cultural galega, iniciada durante a formação do estado português, com um possível movimento de apagamento, que levou à consequente desvalorização da cultura camponesa galega, inclusive considerando-se a influência do imperialismo de Castela.

O reino de Galiza

Pelos mapas confeccionados pelos romanos, é possível inferir que grande parte do território português já integrou a região da Galécia[2], sendo que a Lusitânia se constituiu como uma das províncias romanas entre os séculos XVI e XIII a.C. Todavia, a delimitação territorial de Portugal só foi definida na Idade Média, com o processo de Reconquista, abarcando partes da Lusitânia e da Galécia. Aqui, é interessante destacar que a origem do nome "Portugal" adveio da região de "porto de Cale", na Galécia, e que Braga chegou a ser a capital do reino em homenagem ao imperador romano Augusto, denominada de *Bracara Augusta.* Outro ponto em comum, que perdura até a atualidade, entre a Galiza e Portugal são as regiões de produção vinícola e oleícola, herança cultural romana que perpassa ambos territórios (ALARCÃO, 2017).

Alarcão (2017) mencionou que a Galécia tinha uma cultura autóctone antes da chegada dos romanos que, seja pela afinidade politeísta, seja pelo próprio lema de conquista romano, em que se mantinha a cultura local, houve a apropriação de muitas dessas crenças e costumes, o que se verificou também na arquitetura, alimentação, comércio, infraestrutura, etc. Apesar da romanização da cultura e da adesão à língua latina, os galegos, bem como os que hoje seriam os portugueses do norte, na divisa com a Galiza/Espanha, foram os menos influenciados, se comparados aos demais povos conquistados.

> Falaremos, pois, sem acanhamento ou embaraço, de romanização. Esta não foi destruição ou desenraizamento de tudo quanto cada povo tinha de seu para impor, pela força, novos hábitos, novas instituições. A romanização foi, em grande medida, miscigenação ou aculturação, com persistência de passados não obliterados nem proibidos, com respeito por tradições e especificidades, mas com introdução de instituições, práticas e normas que triunfaram mais por consentimento dos conquistados do que pela força das armas dos conquistadores. (ALARCÃO, 2017, p. 242)

Com a decadência do Império Romano, os galegos sofreram outra importante influência externa: a chegada dos suevos. Em 431, a Galécia já não

[2] Gallaecia ou Callaecia. Os sufixos gal e cal são referentes à Galiza e aos celtas.

possuía uma unidade política comandada pelos romanos, estando à mercê desse povo bárbaro [3] de origem germânica que, naquele momento, já sofria com as investidas de um outro povo bárbaro, os vândalos.

> A história dos Suevos é conhecida sobretudo através da *Crónica* de Idácio, bispo de Chaves. Esta, porém, termina em 469 — e Idácio terá morrido pouco depois. O reino dos Suevos terminou em 585. Temos mais de 100 anos de história sobre os quais o nosso conhecimento é quase nulo (ALARCÃO, 2017, p.313).

Ainda segundo essa "Crónica", citada por Alarcão (2017), o reino dos Suevos teria sido de paz, todavia, a região da Galécia foi alvo de muitas disputas e derramamento de sangue, como também de expansão do reino, a exemplo da conquista de Mérida, *Conimbriga e Lusitânia.* A maior parte dessa expansão adveio especialmente no ano de 465, com a Galécia já sendo uma unidade, por meio da união selada por armas e casamento entre o rei dos suevos, Requimundo, e Teodorico II, rei dos vândalos. Requimundo se converteu ao catolicismo a partir da influência de São Martinho de Dume, responsável pelo plano prático de cristianização da população e transferência de questões pagãs em religiosas, tendo se tornado famoso por exercer calorosa disciplina religiosa por meio da ampliação do número de igrejas, capelas e ensino da catequese, principalmente numa região pobre, de difícil acesso, afastando assim os costumes pagãos, como os dias da semana em Portugal e no Brasil, únicos nas línguas românicas que não referenciam aos deuses cultuados pelos romanos, conforme denominação semanal do calendário comum.

Mesmo com a ascensão da Igreja, não houve a extinção das práticas pagãs pelo povo, mas sim uma "adaptação", com apropriações culturais de festejos e cultos pagãos revertidos em celebrações religiosas sagradas que, em determinado momento, desembarcaram no Brasil, tornando-se expressões populares ligadas aos pilares episcopais, de forma direta ou indireta, como os Finados, Natal, Festa de Reis, Carnaval, Páscoa, etc, todas relacionadas aos cultos das divindades que auxiliavam na boa colheita e fartura (ALARCÃO, 2017).

[3] É importante apontar que o sentido de "bárbaro" se remete ao latim *barbarus,* indicando aquele que é "estrangeiro" não falante de grego ou latim, em relação aos gregos e romanos da Antiguidade. Priberam (2021). Nota-se que o termo também apresenta uma visão etnocêntrica, o que pode gerar interpretações racistas e xenofóbicas, naturalizadas na época.

Building the way

O declínio do Império Romano, em que já não havia sido extirpada as crenças locais pagãs, somado às invasões dos povos germânicos, que, como o primeiro, se afinaram às crenças dos locais, numa retomada de hábitos considerados hereges pela Igreja, contribuíram "[…] decisivamente para a reativação do substrato celta sobre o qual havia repousado a romanização. No século VI, encontramos uma boa amostragem dessas permanências na Galiza […]" (ANDRADE FILHO, 1999, p. 1026).

Além disso, o não domínio árabe na região norte e montanhosa da Galiza; o fracasso da cristianização devido às questões geográficas, que dificultavam o acesso; a priorização da conversão das classes mais altas, que eram a minoria, em detrimento da classe popular, pobre e trabalhadora rural, que mantinha suas crenças pagãs; e a perpetuação dessas crenças pagãs pelos clérigos locais, apesar das duras críticas e planos de Martinho de Braga, auxiliou que essas práticas ancestrais sobrevivessem às sucessivas dominações e à doutrinação da Igreja, não restando outra opção que a bricolagem de uma cristandade com uma fé genuinamente pagã, como bem apontado por Andrade Filho (2012, p. 31): "atentou-se para o maior arraigamento das práticas pagãs nas áreas periféricas, montanhosas e escassamente romanizadas, tais como a Galiza […] Em suma, as práticas pagãs persistiriam, sobretudo, entre os humildes".

> O que se costumou chamar de "paganismo" é, sem dúvida, uma das formas mais significativas daquilo que se costumou designar por "religiosidade popular" […] é necessário que consideremos […] que as "conversões" em massa não implicam uma mudança radical nas convicções e práticas religiosas de todo um povo […] que "conversão" e "cristianização" não são sinônimos […] [e] alçada ao posto de "religião oficial", o cristianismo católico passaria a conviver com uma série de ritos, cultos, devoções, oriundos da "religiosidade" anterior e que, sob sua ótica eclesiástica, seriam condenáveis, consideradas marginais e que conduziriam ao erro (ANDRADE FILHO, 2012, p. 15).

Nesse sentido, apesar dos registros históricos sobre a imigração galega no Brasil serem datados a partir do século XIX (IBGE, 2007), verificou-se que a cultura galega perpassou o território nacional desde a época da colonização, seja pela presença portuguesa ou espanhola, sendo que esta última, como apontado por Holanda (1995), perdurou por aproximadamente seis décadas seu domínio imperial.

Building the way

O reino dos suevos teve seu fim em 585, com a ascensão e o ataque do novo rei visigodo Leovigildo, ou seja, naquele momento, a Península Ibérica ficou inteiramente sujeita a eles até a invasão dos Muçulmanos, em 711, os quais foram expulsos, como já comentado, durante a Reconquista, período em que houve a criação dos reinos cristãos que, posteriormente, se tornaram países, conforme se conhece hoje (ALARCÃO, 2017).

> Embora a região desempenhou um papel fundamental na formação histórica, cultural e linguística do mundo lusófono, sua participação foi sufocada pela historiografia castelhana e portuguesa, assim como a própria configuração de ambos estados tais e como conhecemos, sendo delegada a um papel secundário e muitas vezes esquecido dentro da lusofonia. O galego, língua cooficial na região autônoma da Galiza, sobreviveu a duras penas aos embates dos processos ditatoriais na Espanha, e sua normativa, foi aos poucos se aproximando do espanhol em detrimento de sua relação histórica com o português. Ainda que tenha havido um grupo de pensadores e autores da região "os reintegracionistas" e os "lusistas" que eram a favor de uma maior proximidade com Portugal, as pressões políticas e econômicas fizeram com que a região se decantasse pela Espanha (GUERRA, 2021, p. 58)

Com essa profunda reorganização geopolítica, iniciaram-se outras disputas e uniões. Entrementes, o povo galego "se espalhou" por ambos territórios e sua cultura, a começar pela língua, que um dia foi sinônimo de poder, domínio e distinção social, passou a ser perseguida, proibida e rechaçada pelas novas políticas dominantes, que conseguiram impor um ostracismo que perdura até hoje (FONSECA, 2019; MORAES, 2016).

Cultura, religiosidade e expressões populares

Ao longo da presente pesquisa, observou-se um certo desinteresse, na literatura científica, pelo esmiuçamento dessas origens culturais galegas no Brasil de uma perspectiva histórico-cultural, uma vez que muito do que se conhece hoje foi engendrado sob um olhar seletivo colonialista que, apenas nas últimas décadas, começa a ser questionado pelo movimento decolonial[4]. Com ele, emergem pesquisas

[4] Segundo Aníbal Quijano (2005) em "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina", as análises sociais e históricas baseadas no eurocentrismo devido ao poder hegemônico do domínio colonial exercido no mundo, a exemplo da América Latina, em que a classificação social da população

relevantes no contexto latino, que buscam rever os hiatos existentes na história e memória coletiva, evidenciando o devido protagonismo não só dos povos originários, mas também dos povos africanos, os quais, junto com outras culturas pouco estudadas, intercambiaram-se, ressignificando-se e contribuindo para a formação da rica e diversa cultura brasileira.

A essa ideia, unem-se também as de Bakhtin (1987), que dialogam com o conceito de circularidade cultural de Ginzburg (2006), discutindo até que ponto as classes subalternas influenciaram as classes dominantes e vice-versa, muito contundente com as possíveis interpretações desse contexto histórico-cultural estudado, comumente sintetizada em dualismos, tais quais: Antiguidade *versus* Idade Média, Paganismo *versus* Cristianismo, Sacro *versus* Profano, Urbano *versus* Campo, etc. Há que se destacar que a força da cultura galega, inclusive os festejos, está intimamente relacionada ao homem do campo, à vida árdua e cotidiana campesina, que como bem apontou Ginzburg, que até então era pouco considerada e, portanto, pouco estudada ou entendida como relevante enquanto cultura:

> A existência de *desníveis* culturais no interior das assim chamadas sociedades civilizadas e o pressuposto da disciplina, que foi aos poucos se autodefinindo como folclore, antropologia social, história das tradições populares, etnologia europeia. Todavia, o emprego do termo *cultura* para definir o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico relativamente tardio foi emprestado da antropologia cultural. Só através do conceito de "cultura primitiva" é que se chegou de fato a reconhecer que aqueles indivíduos outrora definidos de forma paternalista como "camadas inferiores dos povos civilizados" possuíam *cultura*. A consciência pesada do colonialismo se uniu assim à consciência pesada da opressão de classe. Dessa maneira foi superada, pelo menos verbalmente, não só a concepção antiquada de folclore como mera coleção de curiosidades, mas também a posição de quem distinguia nas ideias, crenças, visões de mundo das classes subalternas nada mais do que um acúmulo inorgânico de fragmentos de ideias, crenças, visões de mundo elaborados pelas classes dominantes provavelmente vários séculos antes (GINZBURG, 2006, p. 12).

mundial de acordo com a ideia de raça, implicou no desenvolvimento de estudos e pensamentos histórico-social sob essa ótica, a qual Quijano tenta combater, mesmo que a mesma se encontre arraigada, pois só assim teremos uma visão mais ampla e heterogênea das realidades históricas.

Aqui, é importante ressaltar que muitos dos símbolos existentes no Brasil datam do começo da Idade Média ou ainda da Antiguidade, sendo, portanto, anteriores à atual formação da Península Ibérica. Ao passarem pelo processo histórico de cristianização, demonstram a força da perpetuação da herança cultural por meio da oralidade, canal pelo qual se propagaram e sobreviveram, apesar das adversidades, deslocamentos, colonizações, lutas de classe, guerras, e, principalmente, da corrosão do tempo, ratificando sua complexidade, circunscritos que estão nas tradições populares.

Nessa complexidade, é possível vislumbrar o amálgama por meio dos contrastes encontrados nas expressões populares brasileiras, pois é perceptível a existência de refinamentos pela erudição unidos à espontaneidade popular; talvez, por isso, essa cultura seja viva e crescente. E, observando o significado de cultura trazido por Laraia (1986), a simples supressão da palavra erudita, na descrição de Turgot, ilustraria bem o conceito cunhado muito posteriormente e utilizado até hoje: “o homem é capaz de assegurar a retenção de suas idéias eruditas, comunicá-las para outros homens e transmiti-las para os seus descendentes como uma herança sempre crescente.” (TURGOT, apud LARAIA, 1986, p. 26-27).

Se a herança cultural depende da transmissão, como dito antes, é preciso recordar que ela é composta por símbolos, imagens, que demonstram a extensão de seu alcance até chegarem aos festejos populares, como mencionado por Bakhtin (1987, p. 186): “o sistema das imagens da festa popular formou-se efetivamente e viveu durante milênios”. A durabilidade de imagens e a transposição de elementos historicamente profanos, que se tornaram sagrados pelos redesenhos históricos, às vezes dá a impressão de inversão da predominância dos significados dos signos na ordem/origem dispostos da correlação sagrado-profano, pois, de acordo com Feuerbach (2007, p. 332): “[…] sagrada é apenas a ilusão, mas profana a verdade”.

> Por um lado, o "paganismo" só pôde sobreviver cristianizado, embora essa cristianização fosse apenas superficial. Essa política de assimilar um "paganismo" ao qual era impossível destruir, não constituiu inovação; a Igreja primitiva já aceitara e assimilara grande parte do calendário sagrado pré-cristão. Por outro lado, os camponeses, devido ao seu próprio modo de existir no Cosmo, não se sentiam atraídos por um cristianismo "histórico" e moral. […] Para toda essa parte da cristandade, a "Natureza" não é o mundo do pecado, mas a obra de Deus (ELIADE,1972, p. 121) [grifo nosso].

O intercâmbio cultural-religioso exitoso visto nos romanos com os povos encontrados na península ibérica e, posteriormente, a ascensão e contribuição da Igreja nessa fusão de alegorias profano-sagradas favoreceram esse enraizamento ao longo dos anos, visto que "o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado" (LARAIA, 1986, p. 45). Assim, essa verdade sagrada-profana, já enraizada na memória popular, ultrapassou o além-mar. E, essas "novas crenças", fruto dessa socialização e construção de "novas" imagens, que figuram dentro desse contexto de formação de uma "nova" cultura e nova sociedade, qual seja, a brasileira, evidenciam o entrelaçamento de saberes diversos e antiquíssimos, que ultrapassaram o obstáculo do tempo e fronteiras, pois "cultura é uma espécie de forma de manutenção de uma sociedade. Se a cultura é simbolicamente constituída, também o serão as relações sociais" (SAHLINS, apud CALVÃO; CHANCE, 2006, p. 386).

> [...] a Idade Média se encontra presente nas estruturas mais elementares da civilização brasileira; no entanto, ela deve ser buscada não nas suas estruturas mais exteriores, mas sobretudo em nossas cosmovisões mais arraigadas, em nossas crenças, em nosso imaginário, em nossas ideias inclusive, principalmente aquelas ligadas à moral, à ética, e tanto por meio das estruturas políticas, do direito, da religião, como aquelas mais ligadas a vivências do dia a dia, aos costumes e às expressões da religiosidade, enfim a nossa sensibilidade (AMARAL, 2011, p. 447).

As heranças coloniais que são encontradas nos festejos, as relações sociais que estão diretamente ligadas às manifestações, à posteridade e mesmo às particularidades "dos mesmos festejos" em diferentes locais pelo país, constituídos e manifestados de diferentes formas, além da ressignificação religiosa para uma maioria, quando os mesmos signos são pagãos em seu cerne e história, remetem às colocações de Lévi-Strauss (1970, p. 233-234): "assim, muitas vezes, temos a impressão que realmente, estamos, primeiro, em presença de sociedades justapostas no espaço, umas ao lado das outras, umas próximas, outras mais afastadas, mas, afinal, contemporâneas".

Então, os diversos elementos familiares encontrados na cultura brasileira remetem a culturas não só distantes e antigas, mas à percepção da existência de entrelaçamentos culturais diversos, bem como a ressignificação desse sistema de imagens através do tempo e por meio das mudanças sociais, "numa poderosa apreensão artística da realidade" (BAKHTIN, 1987, p. 184), proporcionando não só a

perpetuação desse sistema, mas a miscelânea advinda das diversas influências recebidas em todo esse processo histórico, que pode ser melhor compreendida a partir do alegorismo estoico mencionado por Eliade (1992).

> Valores, costumes, hábitos, tão latentes quanto explícitos, sobretudo aqueles que emergem da vida do cotidiano, das práticas familiares mais tradicionais, das expressões de uma religiosidade mais íntima e própria de um grupo étnico-cultural mais circunscrito espacialmente, das tradições orais que deixam fluir as desconcertadas histórias e de longuíssima duração, cheias de maravilhas, especialmente o *miraculosus* cristão, cuja origem é medieval (AMARAL, 2011, p. 447)

Nesse sentido, não é estranho constatar que o conceito religioso de muitos grupos sociais no Brasil está afim ao cristianismo popular, percebendo-se uma fé que extrapola as delimitações das regras formais da Igreja, a exemplo dos tapetes de *Corpus Christi* e das Folias de Reis, consideradas um canal de propagação da fé pelo povo, que expressam essa religiosidade popular que não é conduzida diretamente pela Igreja, mas que dela busca se aproximar, possivelmente pela considerável influência da congregação eclesiástica. Para Hermann (1997, p. 486), tal situação dialoga com o conceito de religião em Gramsci, em que se tem "[...] um tipo determinado de visão de mundo que se situa entre a filosofia (religiosidade dos intelectuais) e o folclore (religiosidade popular), não desligando-se, portanto, das estratégias de poder que organizam diferentemente as sociedades", abrindo-se um leque de pesquisas sobre uma temática tão profícua, trazendo sempre novos olhares e aprofundamentos dessas imagens, uma vez que as mais diversas expressões das religiosidades populares parecem não deixar dúvida a respeito da variedade de temas que, lentamente, tem contribuído para uma contínua redescoberta de novos objetos de investigação pela história das religiões e das religiosidades (HERMANN, 1997).

Folia de Reis: influências da Galiza no Brasil

A Folia de Reis é, reconhecidamente, uma importante expressão da religiosidade popular do povo brasileiro. Em muitos dos trabalhos produzidos a respeito, de cunho etnográfico ou alicerçados na memória oral, notou-se o enaltecimento das peculiaridades, hábitos e lembranças locais, de quem há muito é "integrante", *versus* as "novas tradições" e componentes.

> Essas características comuns provêm do elo que une essas formas ao *tempo*, o qual, no lado popular e público de toda festa, torna-se o verdadeiro herói, efetua o destronamento do antigo e a coroação do novo. Naturalmente, todas essas formas continuaram a gravitar em torno das festas religiosas. (BAHKTIN, 1986, p. 192)

Por outro lado, as descrições sobre as origens desse festejo costumam ser sintéticas, genéricas demais e, por vezes, até nebulosas, sendo muito comum o uso de definições do tipo: “é uma festa portuguesa que chegou com os colonizadores”, “uma festa luso-brasileira”, “festa de origem portuguesa”. Em poucos casos encontrou-se alguma menção sobre uma “origem espanhola”, contudo, sem quaisquer aprofundamentos. Com mais frequência, geralmente em teses, foi possível perceber correlações entre a Folia de Reis e as festas pagãs, gregas ou romanas principalmente, ou com a origem das celebrações dos demais povos campesinos europeus, mas sem detalhamentos.

> Pode-se mesmo dizer que uma parte da religião popular da Europa pré-cristã sobreviveu, camuflada ou transformada, nas festas do calendário e no culto dos Santos. A Igreja teve de lutar por mais de dez séculos contra o contínuo afluxo de elementos "pagãos" (isto é, elementos pertencentes à religião cósmica) nas práticas e nas lendas cristãs. (ELIADE, 1972, p. 120-121).

Com relação à época de surgimento desse festejo, notou-se certa divergência: ora remontando à Antiguidade, ora à Idade Média, sendo que, em algumas fontes, havia o indicativo de período posterior, nos séculos que abrangem o período colonial brasileiro.

Nesse sentido, um dos questionamentos que se pode levantar é se houve falta de interesse nessas imersões históricas ou se a obtenção de dados mais precisos, que norteassem estudos desse tipo, foi demasiado escassa, como afirmou Mendes (2007). Mesmo no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que possui diversos estudos sobre, bem como concede o título de patrimônio cultural imaterial a muitas Folias, descreve esse festejo como:

> […] uma das mais belas manifestações populares do Brasil, é uma festa de origem portuguesa. Chegou ao país por volta do século XVIII, inspirada na tradição católica da visita dos três Reis Magos ao menino Jesus. Na cultura tradicional brasileira, os festejos de Natal eram

> comemorados por grupos que visitavam as casas tocando músicas alegres em louvor aos Santos Reis e ao nascimento de Jesus. Esta tradição ganhou visibilidade, especialmente no século XIX, e se mantém viva e atuante em grande parte do país, notadamente em Minas Gerais e Goiás, onde possuem lugar cativo e destacado nas festividades populares. Há várias gerações, mantêm-se os cantos, ritos, melodias, danças e ritmos. O encantamento dessa manifestação popular reside nas combinações entre diversão e religiosidade, com a qualidade musical e a devoção aos Reis Magos. A Folia de Reis é mais presente no meio rural e em pequenas cidades, devido a pouca valorização e divulgação nos meios de comunicação, ao contrário do que ocorre com outras festas populares, como as juninas, por exemplo. Por não fazer parte, ainda, da grade curricular das escolas, a Folia não alcançou os mesmos níveis de difusão de outras manifestações populares do país (IPHAN, 2014).

Pode-se constatar, além da localização de uma origem genérica portuguesa, a ausência do período histórico do país de origem, priorizando a época do começo dos festejos em território brasileiro. Mas, o caráter campesino, oral e regional, além da característica pagã-cristã, ficaram evidentes, sendo a última constatada na "combinação entre diversão e religiosidade".

Há quem chame de Folia de Reis, Festa de Santos Reis, Reisado, para citar algumas das denominações, cada qual com sua origem e explicação, o que denota a multiplicidade característica do país, justificada pelas questões migratória, histórica e cultural de cada região. Há, ainda, similitudes curiosas com outros festejos, a exemplo da Festa do Divino, que também possui maneiras de celebrar as mais diversas, a depender da localidade. Em se tratando da que acontece em Pirenópolis/GO, por exemplo, notou-se que

> […] os músicos da folia, em versos musicados, pedem ao dono da casa que os deixe entrar e levar até ele e seus familiares a bandeira do Divino. O dono da casa, que já está preparado para receber os foliões, aceita o pedido, e aí começa a festa. (SILVA, 2000, p. 38)

Para Silva (2000, p. 37), os dois festejos também apresentam contrapontos, sendo que "[…] o principal deles é que, ao contrário da folia de Reis, que gira à noite, as folias do Divino giram durante o dia, sendo que a cada noite o grupo de foliões realiza um pouso em determinados lugares previamente estabelecidos." Aqui, é interessante apontar que, em algumas outras regiões, não só em Goiás, mas também

no interior paulista e mineiro, as Folias de Reis costumam iniciar ao raiar do dia, sendo, assim, diurnas.

Outro ponto interessante trazido por Silva (2020) e que dialoga com Bahktin (1987), foi a menção às intersecções existentes entre as características de vários festejos tradicionais brasileiros, remontando à transversalidade histórica festiva do território europeu, não sendo exceção a Península Ibérica, origem de parte considerável da história colonial brasileira, como já mencionado, e demonstrando, então que, a exemplo do Velho Continente, os intercâmbios "festivos-característicos-históricos" também tiveram um desdobramento similar por aqui.

> Aqui no Brasil houve, em relação às religiosidades afros e indígenas, como na Europa alto-medieval em relação às religiosidades clássicas e autóctones camponesas, uma cristianização do 'paganismo' e uma 'paganização' do cristianismo", pois sabemos que as influências culturais, por mais impositivas que sejam, sempre se darão em mão dupla, de forma que uma absorve a outra, em maior ou menor grau, gerando assim mais que uma aculturação, ou seja, a imposição unilateral de uma sobre a outra, a fusão de ambas concomitantemente, em um corpus em grande medida híbrido, como é o caso do encontro de expressões religiosas que se fundem impositiva ou naturalmente (AMARAL, 2011, p. 448).

Os apontamentos de Amaral (2011) vêm reforçar a importância de se revisitar fatos históricos, por vezes encobertos, esquecidos ou minorizados no decorrer do tempo, para se ampliar o horizonte analítico com relação aos entrelaçamentos culturais, ainda mais considerando os diversos signos veiculados na cultura brasileira, em especial nos festejos populares. Assim, aprofundar o entendimento sobre a Folia de Reis, foco deste estudo, inclusive quanto ao aspecto da religiosidade popular brasileira, que teve fortes influências do Reino de Galiza e da reforma religiosa lá ocorrida, sob a égide do Bispo Martinho de Dume e Braga, como citado anteriormente, é um passo fundamental para se empreender novos estudos a esse respeito.

Isso porque, pôde-se depreender que, embora boa parte das referências sobre a Folia de Reis indique que sua origem é portuguesa, há um hiato histórico importante, que precede à formação de Portugal, para o entendimento desse festejo e, por conseguinte, de aspectos relacionados à cultura brasileira. Nesse sentido, a

supressão “das raízes históricas galegas”, obstaculiza outras problematizações que poderiam ser feitas sobre as inúmeras simbologias que compõem a Folia de Reis.

Considerações Finais

A presente pesquisa, ao lançar luz sobre o passado da formação do estado português, que, por ser considerado o grande colonizador do Brasil, guarda a notoriedade quanto às influências culturais europeias primevas que aqui chegaram, evidenciou que tal território, outrora, pertenceu ao Reino de Galiza. Ademais, acompanhando a trajetória do desenvolvimento da própria língua portuguesa, expressão da identidade cultural desse povo, verificou que o galego era o idioma efetivamente falado, não havendo, ainda, a diferenciação entre ele o português, uma vez que os galegos que residiam na região norte do que hoje é reconhecido como território português, tornaram-se eles mesmos cidadãos portugueses. E, a partir daí, ampliaram linguisticamente o galego por todo o território, o que, depois, viria a ser o galego-português com o passar do tempo.

Posteriormente, o fortalecimento do estado português e o enfraquecimento do Reino de Galiza, já anexado ao Império de Castela, contribuíram para essa cisão entre o português e o galego, que passaram a ser consideradas duas línguas diferentes. Com as influências de outras línguas, principalmente o castelhano e o árabe, além das reorganizações político-geográficas advindas do processo de Reconquista, uma segunda cisão ocorreu, em que o “moderno” centro-sul do território sobressaiu-se em detrimento do norte, relegado ao bucolismo, embora, nesse período, não só a língua falada no norte foi propagada como também seus aspectos culturais. Outro ponto importante a ser acrescentado é que as influências romana, germânica e celta, essa última presente antes da chegada dos romanos na península ibérica, apresentaram fortes resquícios em alguns aspectos e protagonismo em outros ao se observar a formação cultural portuguesa.

Assim, revisitar o protagonismo histórico do reino de Galiza no começo da Idade Média, bem como sua cultura celta/pagã anterior a esse período, e a primordial importância que teve na formação linguístico-cultural portuguesa, foi o trajeto escolhido neste estudo para ampliar olhares, investigando indícios que podem vir a descortinar um cenário profícuo a respeito das origens culturais do que hoje se

entende como Folia de Reis, em que se constatou um leque diverso de cores, formas, cantares e execução, dependendo da região.

Nesse sentido, restou evidente a necessidade de se considerar todas essas confluências para melhor compreensão dos aspectos culturais portugueses e, consequentemente, brasileiros. E, aqui, fica delineada a relevância da presente pesquisa, ao demonstrar a necessidade de se expandir os estudos sobre a região norte de Portugal e sobre a atual região autônoma de Galiza, que ainda guardam vestígios medievais e da antiguidade que podem contribuir para a construção desse mosaico. Apesar das interferências da passagem dos tempos e da própria modernidade, somadas às influências culturais dos demais povos que vieram a compor a população brasileira, notou-se que parte considerável das expressões artístico-culturais-históricas aqui presentes encontram-se muito próximas daquelas relatadas à época colonial, e que, ironicamente, já foram extintas ou há muito modificadas em Portugal.

Analisar a Folia de Reis e buscar entender a religiosidade popular, um misto de fé cristã e celebração de origem pagãs, engendrada na tentativa da cristianização de um povo que não via a contraditoriedade em crer em um Deus único e em Cristo e continuar seus cultos e celebrações a favor dos elementos da natureza, a exemplo da cultura celta, uma vez que a natureza faz parte da criação de Deus, foi fundamental para se chegar a uma visão mais ampla dos diversos signos presentes nos festejos brasileiros.

Vale ressaltar que, apesar das influências históricas e culturais ibéricas apontadas, a Folia de Reis e os demais festejos não só fazem parte da identidade cultural de diversas regiões, como são uma expressão única, pois uniram-se a outras culturas e signos, transformando-se no amálgama de significados e cores, típico da diversidade cultural brasileira. Por isso, se faz necessário um olhar atento, no sentido de tentar depreender o máximo de detalhes sobre as influências percebidas, sejam galego-portuguesas, indígenas, africanas, entre tantas outras, que contribuíram na ressignificação dos elementos.

Como sugestão para futuras investigações, uma questão interessante que emergiu foi a condução de análises entre festejos de uma perspectiva transversal, buscando-se avaliar possíveis intercâmbios, similaridades e influências, a exemplo da

Folia de Reis e da Festa do Divino, explanada anteriormente, que possuem convergências e traços bastante característicos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Jorge. **A Lusitânia e a Galécia***:* do séc.II a.C. ao séc.VI d.C. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

AMARAL, Ronaldo. **O medievalismo no Brasil**. História Unisinos. 15(3), p.446-452, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866828013>. Acesso em 11 jan. 2023.

ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. Espaços e fronteiras entre o cristianismo e o paganismo no reino visigodo católico. In: NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria; IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (Orgs.). **História: fronteiras***.* Volume II. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. O reino visigodo: catolicismo e permanências pagãs. ***História em Revista,***17 (2), p. 15-50, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Editora Hucitec, São Paulo, 1987.

BARDIN, Laurance. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CALVÃO, Filipe; CHANCE, Kerry. **Na ausência do campo metafísico**: entrevista com Marshall Sahlins. Etnográfica. 10 (2), p. 385-394, 2006.

CASTRO, Ivo. **Forças de união e separação no espaço da língua portuguesa.** Conferência Institut d'Estudis Catalans, 2007. Disponível em: <https://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/2007_Unio_e_Separao.pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

DEBRUN, Michel**. A identidade nacional brasileira.** Estudos Avançados, 4(8), p. 39-49, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141990000100004>. Acesso em: 21 jun. 2022.

DUARTE, Teresinha. ***A formação de Portugal***. POLITEIA: Hist. e Soc., 3(1), p. 85-111, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes,1992.

_____. **Mito e Realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo***.* Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FIGUEREDO, Luiz Orencio; ZANELATTO, João Henrique. Trajetória de migrações no Brasil. In: **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences,** 39(1), p. 77-90, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v39i1.31426>. Acesso em: 23 jun. 2022.

FONSECA, Guillermo Vidal. Toponímia galega e brasileira: similitudes e diferenças históricas à luz do conflito linguístico. In: **Labor Histórico**, 5 (1), p. 184-208, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.22642>. Acesso em: 25 maio 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUERRA, Wesley Sá Telles. Galiza e a Lusofonia: a entrada da região autônoma na CPLP e o ensino do Português. In: NEDER, C.P. (Org.). **Experiências de Vanguarda no ensino nos países Lusófonos**. 1. ed. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2021.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia**.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 474-507.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil***.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Brasil 500 Anos de Povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. IPHAN. **Folias de Reis Devotos dos Magos**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/989>. Acesso em 10 dez. 2022.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico*.* Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional:** imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: COMAS, Juan; LITTLE, Kenneth L.; SHAPIRO, Harry L.; LEIRIS, Michel. **Raça e Ciência**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970, p.231-269.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Três Lagoas***:* a circularidade cultural na religiosidade popular. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007.

MORAES, Carla Denize. **História, Memória e Resistência em Xente de Inverno de Xosé Lois García**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2016.

PRIBERAM. **Dicionário de Língua Portuguesa.** 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/b%C3%A1rbaro>. Acesso em 11 jan. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur. Argentina: CLACSO, 2005, p. 107-130.

SILVA, Mônica Martins. **A Festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.